



A ARTE DO VIVER NO CONTEXTO DAS REPÚBLICAS UNIVERSITÁRIAS
THE ART OF LIVING IN THE CONTEXT OF UNIVERSITY RESIDENCE HALLS
EL ARTE DE VIVIR EN EL CONTEXTO DE LAS RESIDENCIAS UNIVERSITARIAS

Luzia Wilma Santana Silva¹, Emanuelle Caires Dias Araujo Nunes², Enéas Rangel Teixeira³, Lucas Amaral Martins⁴, Edenise Maria Santos da Silva⁵, Samara Souza da Nóbrega⁶

RESUMO

Objetivo: compreender as inter-relações de acadêmicos a partir das con-vivências nas repúblicas universitárias. **Método:** estudo qualitativo, com 20 acadêmicos de cinco repúblicas universitárias em sistema de coabitação, maiores de 18 anos e sem laços de consanguinidade. Os dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada e do Círculo Familiar de Thrower e foram analisados pelo modelo interativo proposto por Miles e Huberman, à luz da sociopoética, em seus quatro pilares: micropolítica; ética; hermenêutica; e estética, e pela revisão de literatura. Os dados foram submetidos à análise de conteúdo, após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, sob Protocolo nº 210/2009. **Resultados:** à luz da sociopoética, emergiram as seguintes categorias: república universitária - família de coabitação; viver-con-viver - o relacionamento interpessoal; e papéis versus relações de poder. **Conclusão:** a convivência dos acadêmicos baseia-se numa balança pendular entre estabilidade e mudança, na medida em que amadurece para uma interação familiar socioafetiva permeada por relações de poder. **Descritores:** Estudante; Relações Familiares; Convivência; Enfermagem; Ensino.

ABSTRACT

Objective: to understand the interrelationships among undergraduate students from cohabitation in university residence halls. **Method:** qualitative study, with 20 undergraduate students from five university residence halls in cohabitation system, over 18 years of age and without consanguinity ties. The data were collected through a semi-structured interview and Thrower's Family Circle method, and were analyzed using the interactive model proposed by Miles and Huberman, in the light of the sociopoetics from its four pillars: micropolitics; ethics; hermeneutics; and aesthetics, and literature review. The data were submitted to content analysis after the project approval by the Committee of Ethics on Research of the State University of Sudoeste da Bahia, under Protocol No. 210/2009. **Results:** in the light of sociopoetics, the following categories emerged: university residence hall - cohabitation family; living-cohabitating - interpersonal relationship; and roles vs. power relations. **Conclusion:** cohabitation of undergraduate students is based on a pendular balance between stability and change, as it matures to a socio-affective family interaction permeated by power relations. **Descriptors:** Student; Family relationships; Cohabitation; Nursing; Teaching.

RESUMEN

Objetivo: comprender las interrelaciones entre estudiantes universitarios a partir de las convivencias en las residencias universitarias. **Método:** estudio cualitativo, con 20 estudiantes universitarios de cinco residencias universitarias en el sistema de convivencia, mayores de 18 años y sin lazos de consanguinidad. Los datos fueron recogidos a través de entrevista semiestructurada y el método del Círculo Familiar de Thrower y se analizaron por el modelo interactivo propuesto por Miles y Huberman, a la luz de la sociopoética, en sus cuatro pilares: micropolítica; ética; hermenéutica; y estética, y por medio de revisión de la literatura. Los datos fueron sometidos al análisis de contenido, después de la aprobación del proyecto por la Comisión de Ética de la Investigación de la Universidad Estatal del Sudoeste da Bahia, bajo el Protocolo N° 210/2009. **Resultados:** a la luz de la sociopoética, surgieron las siguientes categorías: residencia universitaria - familia de convivencia; vivir-con-vivir - la relación interpersonal; y roles versus relaciones de poder. **Conclusión:** la convivencia de estudiantes universitarios se basa en una balanza pendular entre estabilidad y cambio, en la medida que madura hacia una interacción familiar socio-afectiva atravesada por relaciones de poder. **Descriptores:** Estudiante; Relaciones Familiares; Convivencia; Enfermería; Enseñanza.

¹Enfermeira, Doutora em Enfermagem, Docente do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde/PPGES/UESB. Líder do Grupo de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências da Saúde e Sociedade. Jequié (BA), Brasil. E-mail: luziawilma@yahoo.com.br; ²Enfermeira, Mestre em Enfermagem e Saúde, Bolsista CAPES. Professora Assistente do Instituto Multidisciplinar em Saúde da Universidade Federal da Bahia/UFBA. Membro NIEFAM/UESB. Jequié (BA), Brasil. E-mail: manoharaujo@ig.com.br; ³Doutor em Enfermagem, Pós-doutor em Psicologia Clínica, Professor Titular da Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa da UFF. Niterói (RJ), Brasil. E-mail: eneaspsi@hotmail.com; ⁴Enfermeiro, Mestrando em Enfermagem pelo Programa de Pós Graduação da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia. Membro do Grupo de Estudo Interdisciplinar em Ciências da Saúde e Sociedade. Jequié (BA), Brasil. E-mail: lucasmartins31@hotmail.com; ⁵Enfermeira, Mestranda em Enfermagem pelo Programa de Pós-Graduação em Gerenciamento em Enfermagem, Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo-USP. São Paulo (SP), Brasil. E-mail: edenisemaria@hotmail.com; ⁶Enfermeira. Jequié (BA), Brasil. E-mail: sam.nobrega@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O viver-*con-viver* numa república estudantil reveste-se num viver familiar de coabitação que requer dos estudantes um relacionamento interpessoal, no qual o aprendizado e a experiência são compartilhados a partir das inter-relações desenvolvidas cotidianamente, que lhes proporcionam conhecer-se, de maneira a possibilitá-los enfrentar as variadas relações e valores que cada sujeito no contexto vivencial da república expressa em suas interações com o outro - compreensão que vai ao encontro de outros estudiosos no contexto familiar estudantil.¹

A família pode ser entendida como um complexo sistema de relações em que seus membros compartilham um mesmo contexto social.² O vínculo de coabitação entre pessoas, baseado em confiança, suporte mútuo e ideais comuns, deve ser considerado como família, não sendo limitada apenas pela consanguinidade, casamento, parceria sexual ou adoção.³ Essa compreensão resulta das transformações ocorridas em nossa sociedade que influenciaram a visão de mundo dos indivíduos em relação a vários aspectos, inclusive quanto à maneira de perceber a dinâmica familiar.⁴ Tal fato contribuiu para o alcance da percepção das novas configurações de família.

Neste estudo, a compreensão sobre famílias constituídas por repúblicas de estudantes universitários assenta-se na definição de família de coabitação, e, como tal, repleta de afetos, trocas de experiências, conflitos, singularidades e especificidades inerentes a cada membro que a constitui.

Devido à importância em que acreditamos se reverte essa abordagem, sua justificativa se traduz em compartilhamento de saberes à comunidade científica, e, em geral, das dificuldades/necessidades dos estudantes convivendo em repúblicas e de como se dão suas inter-relações. Também, considera-se de que forma esse processo influencia nas suas vidas pessoais e acadêmicas - formação profissional - permitindo assim que a comunidade acadêmica (professores, discentes, administradores, servidores) e a comunidade em geral compreendam a complexidade que envolve o contexto inter-relacional de viver-*con-viver* em repúblicas. Desse modo, possibilitar-se-á que se voltem olhares mais amplos para o contexto da família de coabitação, considerando-a como uma unidade de desenvolvimento humano que necessita de cuidados e atenção para a

promoção e manutenção da saúde de jovens universitários.

A relevância assenta-se, para além do que já foi exposto, na revisão de literatura desenvolvida sobre a temática, a partir do Portal de Periódicos CAPES, com entrada pelos descritores: moradia estudantil; moradia universitária; república acadêmica; vivências em república; famílias universitárias; família acadêmica; e família estudantil. Os estudos que emergiram abordavam aspectos pontuais de universitários como adaptação, crises e conflitos. Destaca-se o uso de drogas, álcool e depressão, revelando uma lacuna em estudos referentes à compreensão das inter-relações familiares estabelecidas na coabitação em repúblicas universitárias. Isso veio nos inquietar na formulação da questão/problema deste estudo: como se desenvolve o processo de viver-*con-viver* em repúblicas universitárias, longe do contexto relacional parental/familiar no município de Jequié-BA.

Neste sentido, este estudo tem como objetivos:

- Compreender as inter-relações pelos acadêmicos a partir de suas *con-vivências* no contexto das repúblicas universitárias.
- Identificar os tipos de relações entre os estudantes nas repúblicas no processo de viver-convivência.
- Compreender o significado que os estudantes dão à família constituída numa república.
- Conhecer as necessidades experimentadas por estudantes na convivência da república universitária.

MÉTODO

Trata-se de um estudo descritivo, exploratório e de natureza qualitativa realizado com estudantes universitários, maiores de 18 anos, que coabitavam em repúblicas, sem ter laços de consanguinidade entre si, pois, neste caso, o significado de “família” vivenciado por estes sofreria interferência.

O cenário foi o Município de Jequié, interior do Estado da Bahia, cidade pólo universitário da região sudoeste da Bahia. A amostra foi selecionada por meios não-probabilísticos de conveniência (por acessibilidade) e delimitada pela saturação dos dados.

Foram aplicadas entrevistas semiestruturadas e o Círculo Familiar de Thrower,⁵ instrumento de avaliação familiar que consiste num círculo no qual os participantes escolhem posições para os nomes de pessoas significantes, distribuindo-

as do centro até o limite do círculo e fora deste, de acordo com o grau vincular que estabelecem com essas pessoas. O círculo passou por adaptação com a sobreposição de círculos concêntricos gradativamente menores sobre o modelo original para facilitar sua elaboração e identificação dos vínculos construídos pelos estudantes universitários, de forte a superficial dentro do círculo, e fora dele de distante a negativo ou conflituoso.

Os sujeitos da pesquisa foram 20 acadêmicos de cinco repúblicas universitárias, oriundos dos cursos de graduação: Enfermagem; Fisioterapia; Odontologia; e Educação Física, sendo utilizado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As repúblicas foram nomeadas por seus integrantes que também escolheram, cada um, seu codinome no estudo. Foram assim distribuídas: República Frustrados (três integrantes: Trabalho, Dado e Pedro); República Miseráveis (cinco integrantes: Eduardo, Nike, Dajjer, Zorba e Carlos); República Melhor de três (três integrantes: Rosa, Florzinha e Menina); República Fisiocats (cinco integrantes: Flor Branca, Flor, Diamante, Princesa e Mine); e República Singelos (quatro integrantes: Alice, Luz, Eloísa e João). A coleta de dados ocorreu no espaço das repúblicas, no período de fevereiro a março de 2010.

Para análise de conteúdo, os dados foram anteriormente reduzidos e organizados a partir do modelo interativo, que admite a interação entre seus componentes: redução de dados, apresentação/organização e interpretação/verificação das conclusões.⁶

A busca por compreender como se desenvolve o processo de viver-*con-viver* em repúblicas universitárias remeteu à abordagem sociopoética,⁷ por seu caráter crítico-reflexivo, participativo e contextual que focaliza as inter-relações sociais de um determinado grupo.⁸ A sociopoética, como método de pesquisa, vem sendo amplamente desenvolvida e implementada há uma década na enfermagem brasileira. Além dessa área do conhecimento, “ela é aplicada nas áreas de educação, psicologia e sociologia, através de investigações que abrangem os fundamentos teóricos e interpretação da produção de dados, dessa forma, epistemologicamente diferenciada de abordar cientificamente o homem como um ser político e social”.⁷

A pesquisa foi desenvolvida em respeito à Declaração de Helsinki, com aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Protocolo nº 210/2009, conforme a Resolução 196/96.⁹

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O tratamento dos dados seguiu um empenho diligente de idas e vindas na transversalização dos instrumentos utilizados, buscando compreender a dinâmica de relação familiar de coabitação a partir dos referenciais da sociopoética e seus quatro pilares: micropolítica, hermenêutica, ética e estética; do pensamento sistêmico, das relações de poder e das teorias de enfermagem: relacionamento interpessoal e cuidado transpessoal, os quais se interpoem ao longo das categorias e subcategorias que se mostraram a partir da redução interativa dos dados.

Surgiram três categorias: república universitária - família de coabitação; viver-*con-viver* - nosso relacionamento interpessoal; e relações de poder - o meu e o seu papel. Estas se subdividiram em sete subcategorias: a motivação para convivência coletiva; a inter-relação vincular; significado da república; interfaces transpessoais no contexto coletivo; procurando meu espaço e individualidade - reveses e vieses da *con-vivência*; assumindo novos papéis, no caminho da maturidade; e *mosaico cultural - a hierarquia do sistema*. As categorias e suas dimensões encontram-se apresentadas em depoimentos, discussão teórica e interpretação.

• Categoria I: República Universitária - família de coabitação

Essa categoria envolveu a apresentação da república como espaço familiar de coabitação e compartilhamento de afetividades, vivências e amadurecimento por meio das interfaces da motivação, vínculo e significado que ela assume para os universitários. Vale ressaltar que apesar da dinâmica grupal, nesse caso, ter característica de relação familiar, a forma que se inicia, o tipo de vínculo e o tempo de permanência são circunstanciados por um contexto acadêmico, portanto efêmero, mas sendo um nível de relevância.

♦ Subcategoria I: A motivação para convivência coletiva

[...] as contas vem mais baratas, aqui são cinco, então a gente divide as contas. (Mine) *Sobrevivência*. (Zorba) (*Ipsis litteris*)

[...] você chega, tem alguém pra conversar, [...] pra contar seus problemas, pra lhe dar um apoio, pra lhe dar um incentivo, pra assistir filme, pra dividir o dia a dia. (Rosa) (*Ipsis litteris*)

Companheirismo, zuação, bagunça, como vou falar? Amizade. [...] Liberdade. Eu acho que você fica mais à vontade no ambiente em relação a tudo, a horário, à amizade [...]. (Carlos) (*Ipsis litteris*)

Os depoimentos direcionam a motivação convивencial com a redução de gastos, companhia e liberdade, fatores motivadores à organização e à vivência coletiva. Neste processo, evidencia-se uma relação de dependência socioeconômica, traduzida numa **micropolítica relacional**, evidenciada na redução de gastos, na necessidade de interação e na conquista da autonomia.

O jovem, ao se inserir no contexto universitário, depara-se com um ambiente que lhe requererá adaptações para o seu processo formativo e o aprimoramento de valores moral e ético pelos processos que experimentará. Diante disso, há necessidade de se atentar para esta população por sua vulnerabilidade a situações estressantes que poderão convergir para transtornos comportamentais, uso de álcool, drogas ilícitas, dificuldades de aprendizagem e de relacionamentos interpessoais, isolamento, dentre outros, o que demanda uma co-responsabilização enquanto “família estudantil” às vivências e apoio das repúblicas.¹⁰

♦ Subcategoria II: A inter-relação vincular

[...] são pessoas que eu confio e que eu tenho apoio [...] querendo ou não a gente hoje tá passando mais tempo convivendo entre a gente do que com a própria família [...]. (Carlos) (*Ipsis litteris*)

[...] todo mundo tá longe dos pais e acaba criando um vínculo de amizade, um vínculo de convivência [...] um vínculo familiar mesmo, considero como uma família. (Princesa) (*Ipsis litteris*)

[...] é uma família de amigos que se constitui dentro de um meio acadêmico, em que as pessoas começam a se inter-relacionar, pra poder haver um melhor convívio dentro de uma cidade, que é desconhecida por eles. (Dajjer) (*Ipsis litteris*)

Observa-se nos depoimentos o reconhecimento do vínculo proximal, que expressa a conformação familiar da república. Neste direcionamento, um estudo acerca das compreensões de estudantes de enfermagem sobre família constatou que existe uma (re)adaptação e (re)estruturação do significação deste agrupamento humano, os quais consideram as famílias como estruturas dinâmicas, plurais e multifacetadas, formadas por indivíduos não somente com laços de consanguinidade, mas por laços afetivos fortes. Para eles, família é um grupo ou conjunto de pessoas que integram um contexto histórico-social.¹¹

Complementando os achados dos autores supracitados num trabalho realizado com estudantes adolescentes, os significados e

dimensões de família estão diretamente relacionados ao campo das subjetividades humanas, correspondendo a capacidade, qualidade e intensidade dos vínculos afetivos estabelecidos e retroalimentados nas relações entre indivíduo/indivíduo bem como de indivíduo/coletivo.¹²

A compreensão que enlaça essa vivência relacional assenta-se na importância do reconhecimento das diferentes organizações familiares, na sua contextualização cultural e social e no compromisso e responsabilidade na estruturação coletiva de seus membros, como emergiu fortemente na subcategoria “O significado da república”.

♦ Subcategoria III: O significado da república

[...] o significado de república que eu vejo é um significado de família, é um significado de união, de aliança mesmo. Você se sente menos só, porque aqui você que é de fora tá meio jogada [...] então você acaba encontrando pessoas que têm os mesmos problemas que os seus, que podem sofrer das mesmas coisas [...] a república, ela te ajuda a se sentir menos só nesse ambiente de faculdade em que você fica bastante conturbada, também com o distanciamento da família [...] quando você tá triste, uma colega sua tá animada, e chega, e lhe conta uma resenha, uma coisa que aconteceu, então tá sempre nessa de nunca te deixar isolada. (Flor) (*Ipsis litteris*)

República pra mim significa uma casa, um lar, uma moradia [...] ocorre briga, ocorre resenha, alegria, o que acontece como se tivesse na sua família mesmo [...]. (Pedro) (*Ipsis litteris*)

Companheirismo e solidariedade. (Menina) (*Ipsis litteris*)

O significado atribuído à república nos depoimentos vai ao encontro da compreensão destacada por estudiosos que apontam a família como a união de indivíduos ligados por vínculos de posse e participação na vida uns dos outros.¹³ O viver-*con*-viver destes estudantes, fora do seu contexto familiar de consanguinidade societal, fê-los construir uma nova configuração familiar de apoio e inclusão, de modo que a nova conformação lhes desse segurança e conforto para o bem viver em processo formativo profissional.

• Categoria II: O viver-*con*-viver - relacionamento interpessoal

Essa categoria envolveu a discussão da complexidade que permeia o relacionamento interpessoal no contexto da república, também um espaço de conflitos com o eu-*self* e o nós, num (re)ajustamento coletivo recursivo que se orienta na dialética entre o auto e o hetero-conhecimento.

♦ Subcategoria IV: Interfaces transpessoais no contexto coletivo

Você tem que conviver com pessoas diferentes, e para isso você precisa abrir mão de seus próprios costumes, que você tem dentro de casa, que você traz [...]. Você se adaptar é difícil, mas é importante, eu vi isso em mim, eu consegui evoluir [...] comecei a conviver com pessoas diferentes, se eu tivesse dentro de casa não seria assim [...] não conseguiria fazer concessões no meu próprio meio [...] a república gera uma convivência mais adaptativa, você deixa de ser aquela pessoa mimada e consegue viver com pessoas diferentes. (Eduardo) (Ipsis litteris)

As dificuldades são muitas, conviver com gente que você nunca viu, cada um tem um costume [...] você acaba tendo que respeitar o outro, a dificuldade é isso mesmo: são as diferenças. Eu mesma aprendi muito porque eu sempre fui filha única [...] sempre tive tudo [...] todo mundo vivia me paparicando, aí quando eu vim morar fora tive que me acostumar em respeitar o momento do outro, saber onde é o meu dever onde é o seu direito [...]. (Alice) (Ipsis litteris)

Uns tem mais afinidades que outros [...] cada um tem seu jeito, veio de uma família diferente, cada um tem suas manias, seus modos de viver diferentes, então a gente tenta encaixar, enquadrar cada um nessa perspectiva de sempre ter uma melhor convivência. (Dajjer) (Ipsis litteris)

Evidenciam-se multifacetadas desta convivência com a nítida presença da **hermenêutica**, que aparece no fenômeno da interpretação que um direciona ao comportamento do outro, e reflexivamente ao seu próprio eu, na busca por adaptar-se ao novo sistema familiar de coabitação. Nessa procura, os modelos mentais de cada indivíduo sofrem impactos e desenvolvem a sua resiliência para o enfrentamento daquilo que lhe incomoda e aflige num processo adaptativo mediado pela compreensão/interpretação do outro e de si mesmo.

A influência dos vínculos parentais é destacada diante da necessidade de deixar a esfera familiar e migrar para outras cidades, onde se deparam com diversas problemáticas e realidades distintas das conhecidas anteriormente. Nesta experiência, é possível construir novos vínculos significativos, mas também vivenciar conflitos de valores, acarretando problemas emocionais, transtornos de identidade, dificuldades de adaptação, perda da qualidade de vida e déficit do rendimento acadêmico, entre outros.¹⁴⁻¹⁵

Através da interação, o processo comunicacional acontece entre as pessoas, permitindo a expressão da simbologia do seu eu enunciada em suas necessidades, angústias e satisfação. Tal interação pode influenciar o comportamento dos indivíduos, propiciando reações subsidiadas em crenças, valores, expectativas, costumes, história de vida e cultura.¹⁶

Esse processo interacional perpassa por ações de cuidado/descuido na dinâmica do relacionamento interpessoal. O cuidado e o desvelo ao outro propicia no relacionamento condições favoráveis para o diálogo e compreensão das multidimensões do eu e do outro, possibilitando uma interação transpessoal que se origina nos laços de cuidado, conotando valor à *con-vivência* por meio da amorosidade e da compaixão (essência humana).¹⁷

Nesta perspectiva, no olhar da transpessoalidade, o cuidado surge como *caritas*, cultivo e prática do amor-bondade e equanimidade; presença autêntica - acolhimento; espiritualidade e integração com o ambiente¹⁷. Vivenciar o *caritas* nas relações da república universitária auxilia no caminho do autoconhecimento. Este promove melhor relação interpessoal, desvelando o “eu” potencial de maneira mais satisfatória, na condução dos diversos momentos de convivência na vida com outros sujeitos na teia que envolve a complexidade do viver humano.

♦ Subcategoria V: Procurando meu espaço e individualidade - reveses e vieses da con-vivência

[...] algumas pessoas não conseguiram ainda se adaptar [...] e aí tem alguns tumultos, tem algumas confusões que de vez em quando estressa, até pra estudar é mais complicado porque tem gente que não consegue ver no ambiente uma coisa coletiva, só individual, tem seus costumes e quer manter aquilo e gera confusão. [...] você tá se limitando o tempo todo, você não pode deixar as coisas correrem tão soltas porque você não tá sozinho, você mora com pessoas diferentes e você tem que se respeitar e respeitar as pessoas também, porque elas não têm que aturar suas sessões de humor, seus chilikies, suas mimações. (Eduardo) (Ipsis litteris)

[...] tem algumas situações que são complicadas, você tem que respirar umas duas vezes porque você não tá em casa né? Então se você tivesse na sua casa com sua família, sei lá poderia te entender, isso que é complicado porque você cria um vínculo diário de família, mas você sabe que ela não é sua família, então você tem que ficar mais

flexível [...] ninguém aqui é sua mãe, ninguém vai passar a mão na sua cabeça, se você errar vai lhe apontar, vai falar que você errou [...]. (Princesa) (*Ipsis litteris*)

A minha principal dificuldade é o excesso de convivência, a gente faz o mesmo curso [...] acaba sendo um pouco complicado [...] você sai no mesmo horário, chega no mesmo horário, vai pra mesma aula, pro mesmo lugar então isso às vezes fica muito cansativo [...] às vezes você quer tá só e às vezes você se desgasta um pouco com o excesso de companhia, o excesso de convivência com seus colegas. (Dado) (*Ipsis litteris*)

As relações de conflito são destacadas nos depoimentos e enovelam-se na busca do espaço individual, num *continuum* fluente de viver compartilhando espaço e momentos da vida. Enuncia-se neste processo vivencial uma *ética* de convivência em relação estreita com a estética, a arte de saber conviver com as diferenças que permeiam as inter-relações,¹⁹ num misto de amor e ódio mesclados na “diplomacia da sobrevivência” e vivência humana.

A teoria do relacionamento interpessoal sustenta que ao reagir ao estímulo do ambiente, o indivíduo estabelece e compartilha metas comuns até a resolução do problema, possibilitando crescimento nas relações interpessoais.²⁰ Similarmente ao observado nos depoimentos, existe na construção de vínculos no ambiente da república uma experiência de aprendizado para os sujeitos, no qual se aprende frente aos estímulos – sejam estes de natureza positiva ou negativa – reagindo a estes num processo de adaptação constante. Por sua vez, estas adaptações geram mudanças que proporcionam o fortalecimento ou o desvio do eu, ou seja, os momentos de fraqueza e de isolamento social no grupo.

● Categoria III: Relações de poder - o meu e o seu papel

Esta categoria aborda o remodelamento do sujeito quanto ao seu papel no novo sistema familiar - a república. A compreensão de família enquanto sistema, ou seja, todo integrado e interdependente respalda-se no Pensamento Sistêmico, originado no estudo de Bertalanffy.²¹ Esse sistema familiar está vulnerável às demandas que podem gerar no grupo um mecanismo de adaptabilidade para re-organização, como indicadas na subcategoria anteriormente discutida. Assim, o sistema buscará se organizar de acordo com sua autonomia e conformação, trocando com o meio num mecanismo de *feedback*, de *inputs* e *outputs* de informação-vivências - de acordo com suas necessidades -²²⁻³ e

respeitando a hierarquia instituída na vida da república (papéis), na qual as fronteiras relacionais são tênues a respeito do eu e do nós inter-relacional em coabitação.

◆ Subcategoria VI: Assumindo novos papéis, no caminho da maturidade

[...] amadurecimento, no caso, a gente cria mais responsabilidade, porque eu mesma, filha única, aí vem pra um pensionato por comodidade, pra ter tudo na mão, e quando você chega aqui você tem suas responsabilidades, você tem que fazer feira, você tem que lavar seus pratos, lavar suas roupas, então eu acho uma preparação mesmo, no caso quando você tiver sua casa. (Heloise) (*Ipsis litteris*)

Ah! Você amadurece um bocado, você amadurece em todos os sentidos, desde cozinhar, muita gente chega na república não sabe nem encostar no fogão. Até experiências que você tem [...] conversa, troca de experiências, essas coisas assim, acho que a pessoa amadurece um bocado. (Flor Branca) (*Ipsis litteris*)

Ao adentrar neste novo universo de relações familiares - a coabitação - o acadêmico percebe a necessidade de adaptar-se ao meio no qual ele é um na configuração do todo naquele ambiente, ou seja, um indivíduo que precisa respeitar e ser respeitado, compartilhar e assim sucessivamente. Destarte, assume um papel de complementaridade e interdependência no contexto inter-relacional de viver-con-viver.

A vida na república universitária representa para o jovem um momento de transição para se assumir como adulto,²³ caracterizando uma busca por autonomia pessoal e profissional. Muitos, depois de graduados, não retornam mais para viver com os pais, pois adquirem seu sustento próprio; enquanto outros, por questões econômicas e de vínculos com a família de consanguinidade, retornam ao lar de origem.

◆ Subcategoria VII: Mosaico cultural - a hierarquia do sistema

Eu e meu colega a gente virou um tipo de liderança, os mais velhos assumiram os papéis assim de pai e mãe aqui da república, porque os mais novos, não conseguem ser independentes da gente, [...] pra fazer feira eles não vão só, a gente tem que ir porque até hoje eles não aprenderam, se a conta chegou, a gente tem que avisar pra eles [...] acho que foi culpa da gente, que deu liberdade pra fazer isso, criou uma dependência tão grande [...] criou uma situação de conforto pra eles que vai ser quebrada agora, porque a gente se forma e já tá um alvoroço na república porque ninguém sabe quem vai substituir, a gente tentou fazer transferência de papéis, mas

eles não conseguiram ainda. (Eduardo) (Ipsis litteris)

[...] dentro de uma república o sistema funciona assim: cada qual tem seu dever e também seu direito [...] é uma mini-sociedade, então o que acontece, se você não cumpre determinada tarefa ou determinado objetivo desta república, você acaba criando uma desarmonia. [...] se eu não tiver a comunicação com as minhas colegas acaba gerando um atrito [...] o primordial da república é a questão do diálogo, da comunicação, se eu não posso fazer determinada coisa eu vou lá chego e comunico: fulana eu não posso fazer determinado tipo de coisa, então a partir daí você cria um elo de comunicação e você permite, digamos assim, melhorar essa harmonia. (Flor) (Ipsis litteris)

[...] tem uma colega de república que tem espírito de líder, toma frente de tudo, se tem uma conta pra pagar, ela divide, se tem a feira pra fazer, ela fala: você vai, é a que comanda mesmo, é a líder [...] às vezes é bom porque fica organizado, mas às vezes é muito chato, muito chato ter aquela pessoa ali pegando no seu pé sabe? (Princesa) (Ipsis litteris)

A procura/esforço para “harmonizar” a con-vivência coletiva denota em cada integrante deste sincretismo cultural uma nova conformação que resulta na **estética** social aceita e/ou preconizada historicamente para adequabilidade social.

As relações de poder emergem entre os membros que compõem o sistema familiar da república. Estas ocorrem no exercício da convivência humana, em todos os momentos e em todos os espaços da vida social cotidiana, onde os indivíduos vivem, onde estão os seus discursos e as suas práticas de vida.²⁴ O poder existe em todas as relações humanas, nos diferentes jogos e lutas nos quais o ser humano está imerso.²⁵

O poder é algo que circula funcionando em cadeia e em redes. Os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; não sendo inertes, são sempre centros de transmissão de poder.²⁵ Tal afirmativa demonstra que cada membro da república possui um potencial para exercer o poder e sofrer a sua ação, e que essa interação delinea as inter-relações no contexto familiar estudantil. No entanto, como observado nos depoimentos, há aqueles que exercem o poder porque lhe é permitido pelo outro; há aqueles que, por comodidade do outro, assumem o poder para si; e há aqueles reconhecidos como detentores de poder, indicados como líderes da república. Neste emaranhado de relações, há os que aceitam e os que

questionam, por sentirem-se intimidados com o poder que é dado ao outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações que se pode tecer deste estudo recaem sobre as reflexões que foram apreendidas do que emergiu do viver-con-viver em repúblicas dos acadêmicos, as quais vislumbram novos desafios para a amplitude do olhar sobre a necessidade destes jovens em constante enfrentamento individual-social para o processo de formação profissional. O exposto direciona as repúblicas como um complexo sistema familiar de coabitação. Evidencia-se a presença de vínculos comprovados pelos depoimentos e circunscritos nas relações no Círculo familiar de Thrower, demonstrando haver relacionamentos de conflito e conforto, numa balança pendular entre a estabilidade e a mudança, na medida em que os acadêmicos amadurecem para uma convivência familiar socioafetiva e em uma recursividade entre o *eu* e o *nós*, confluindo na inteireza e na globalidade sistêmica inter-relacional do viver conjuntamente.

Foi possível compreender as inter-relações existentes nas convivências nas repúblicas estudantis, que não se restringem apenas a um lugar de moradia, mas a uma forma peculiar de relação em grupo que pode ser denominada de familiar, envolvendo os papéis sociais dos sujeitos, relação de poder, cooperação, conflitos e distintos sentidos que os acadêmicos produzem.

Estudos que retratam a convivência acadêmica e seus atravessamentos implicados com a formação merecem ser aprofundados e ampliados para conhecer os níveis de realidades estabelecidos pelos estudantes e suas repercussões na formação universitária.

Com efeito, os resultados deste estudo contribuem para uma nova maneira de compreensão do estudante em seu contexto social, territorial e psicoafetivo, o qual envolve a formação acadêmica e merece ser considerado.

REFERÊNCIAS

1. Moraes LMP, Lopes MVO, Braga VAB. Componentes funcionais da teoria de Peplau e sua confluência com o referencial de grupo. Acta paul enferm [Internet]. 2006 Apr-June [cited 2009 Oct 14];19(2):228-33. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002006000200016&lng=en.

2. Castilho T. Pánel: Família e relacionamento de gerações. In: Congresso

Internacional Co-Educação de Gerações [Internet];2003 [cited 2010 Nov 16]. Available from:

<http://www.sescsp.org.br/sesc/images/uploadd/conferencias/94.rtf>.

3. Alarcão M. (Des)equilíbrios familiares - Uma visão sistemática. Coleção Psicologia. 3ª ed. Rio de Janeiro(RJ): Clínica e Psiquiatria; 2006.

4. Gonçalves LHT, Alvarez AM, Sena ELS, Santana LWS, Vicente FR. Perfil da família cuidadora de idoso doente/fragilizado do contexto sociocultural de Florianópolis, SC. Texto Contexto Enferm [Internet]. 2006 Oct-Dec [cited 2010 Oct 30];15(4):570-7. Available from:

<http://www.scielo.br/pdf/tce/v15n4/v15n4a04.pdf>.

5. Thrower SM. Family systems tools for assessing families. In: Sloane PD, Slatt LM, Baker RM, editors. Essentials of family Medicine. Baltimore (Maryland): Williams e Wilkins; 1988. p. 3-13.

6. Miles MB, Huberman M. Qualitative data analysis: an expanded sourcebook. 2nd ed. London: SAGE; 1994.

7. Santos I, Gauthier J, Figueiredo NMA, Tavares CMM, Brandão ES, Santana RF. A perspectiva estética no cuidar/educar junto às pessoas: apropriação e contribuição da sociopoética. Texto Contexto Enferm [Internet]. 2006 [cited 2010 Nov 12];15(esp):31. Available from: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072006000500003>.

8. Hoffman L, Pakman M. Poética Social. In: Fernandes L, Santos MR. (Coordenadoras) Terapia Familiar, Rede Social e Poética Social. Lisboa(Pt): Climepsi Editores; 2007.

9. Ministério da Saúde (BR). Conselho Nacional de Saúde. Resolução n° 196/96 sobre pesquisa envolvendo seres humanos. Bioética. 1996;

10. Miranda EJP, Amorim MC, Stancato K. Educação em saúde em moradia universitária: abordagem integral da vulnerabilidade dos sujeitos. Avaliação (Campinas) [Internet]. 2007 Jan-Apr. [cited 2009 Nov 12]; 12(2):349-371. Available from: www.scielo.br/pdf/aval/v12n2/a09v12n2.pdf.

11. Schaurich D. Compreensões de acadêmicos de enfermagem sobre famílias: algumas reflexões. Esc. Anna Nery [Internet]. 2009 Apr-June [cited 2009 Oct 12];13(2):415-20. Available from: www.eean.ufrj.br/revista_enf/20092/artigo%2023.pdf.

12. Silva ÍR, Sousa FGM de, Nogueira ALA, Barbosa C, Silva TP, Castro LB. Adolescência,

família e grupos de iguais: o discurso dos adolescentes e as implicações para enfermagem. J Nurs UFPE on line [Internet]. 2012 May [cited 2012 June 01];6(5):1148-55. Available from:

http://www.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/view/2561/pdf_1059.

13. Wright LM, Leahey M. Enfermeiras e famílias: um guia para avaliação e intervenção na família. 3ª ed. São Paulo: Roca; 2002.

14. Alonso M, Insúa IE. Psicoterapia y prevención en estudiantes universitarios migrantes. Rev Argent clín psicol [Internet]. 1997 Sept-Dec [cited 2010 Oct 30];6(3):251-261. Available from:

<http://webview.javerianacali.edu.co/cgi-olbib/?infile=details.glu&luid=171961&rs=11559&hitno=-1>.

15. Jordao AB. Vínculos familiares na adolescência: nuances e vicissitudes na clínica psicanalítica com adolescentes. Aletheia [Internet]. 2008 June [cited 2010 Oct 03];27:157-72. Available from:

http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942008000100012&lng=pt&nrm=iso.

16. Silva LMG, Brasil VV, Guimarães HCQCP, Savonitti BHRA, Silva MJP. Comunicação não-verbal: reflexões acerca da linguagem corporal. Rev Latino-Am Enfermagem [Internet]. 2000 Aug [cited 2009 Dec 14];8(4):52-8. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692000000400008&lng=pt. doi: 10.1590/S0104-11692000000400008.

17. Boff L. Tempo de transcendência. Rio de Janeiro(RJ): Sextante; 2000.

18. Watson J. Nursing: the philosophy and science of caring/Jean Watson. - Rev ed. Colorado(USA):Published by the University Press of Colorado; 2008.

19. Silva LWS, Nazário NO, Silva DS, Martins CR. Arte na enfermagem: iniciando um diálogo reflexivo. Texto contexto Enferm [Internet]. 2005 Jan-Mar [cited 2010 Nov 02];14(1):120-23. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v14n1/a16v14n1.pdf>.

20. Peplau H. Relaciones interpersonales en enfermería. Barcelona (ES): Masson-Salvat; 1993.

21. Bertalanffy VL. Teoria dos sistemas. 3 ed. Petrópolis: Vozes; 1977.

22. Morin E. O método. A natureza da natureza. 3ª ed. Lisboa(Pt): Publicações Europa-América; 1997.

23. Camarano AA, Mello JL, Pasinato MT, Kanso S. Caminhos para a vida adulta: as múltiplas trajetórias dos jovens brasileiro.

Ultima décad [Internet]. 2004 July-Dec [cited 2010 Dec 01];12(21):11-50. Available from: http://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S0718-22362004000200002&script=sci_arttext.

24. Foucault M. Microfísica do Poder. 3ª ed. Rio de Janeiro(RJ): Graal; 1982.

25. Costa R, Souza SS, Ramos FRS, Padilha MI. Foucault e sua utilização como referencial na produção Científica em Enfermagem. Texto Contexto Enferm [Internet]. 2008 Oct-Dec [cited 2010 July 09]; 17(4):629-37. Available from:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072008000400002.

Submissão: 21/06/2012

Aceito: 30/12/2012

Publicado: 01/02/2013

Correspondência

Luzia Wilma Santana da Silva
Rua Abílio Procópio Ferreira, 343 – Centro
CEP: 45200-510 – Jequié (BA), Brasil